

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano 1 Nº 10 ««««»» 10.10.97

Quando iô tava na minha tera  
iô chamava capitão  
chega na tera dim baranco  
iô me chama – Pai João.

Quando iô tava na minha tera  
comia minha garinha,  
chega na tera dim baranco,  
câne sêca co farinha.

Quando iô tava na minha tera  
iô chamava generá,  
chega na tera dim baranco  
pega o cêto vai ganhá.

Dizofôro dim baranco  
nô si pôri aturá  
tá comendo, tá... drumindo,  
manda negro trabaia.

Baranco – dize quando môre  
Jezucrisso que levou,  
e o pretinho quando môre  
foi cachaça que matou.

Quando baranco vai na venda  
logo dizi tá, 'squentáro  
nosso preto vai na venda,  
acha copo tá viraro.

Baranco dize – preto fruta,  
preto fruta co rezão;  
sinhô baranco também fruta  
quando panha casião.

Nosso preto fruta garinha  
fruta saco de fujão;  
sinhô baranco quando fruta  
fruta prata e patacão...

Nosso preto quando fruta  
vai pará na coreção,  
sinhô branco quando fruta  
logo sai sinhô barão.

Lundu de Pai João, Artur Ramos (1903/1949)

Claro campo em deslimites  
de arame farpado  
onde pratico meus saltos mortais. Viveiro, Paulo Colina

Erma noite de lua. No terreiro,  
a negrada se ajunta e faz mandinga,  
invocando Xangô. Junto ao braseiro,  
anima a roda o garraão de pinga.

Punhais em cruz aos pés de Ogum-Guerreiro;  
chifre queimado, pólvora, catinga...  
E o Pai de Santo, um mina feiteceiro,  
fala nagô, e pula, e dança, e ginga.

Um cafuzo – o cambondo da macumba –  
no atabaque batuca, e o som retumba,  
na melopéia bárbara do Congo.

E, enchendo a noite calma enluarada,  
repercuta o tantá, na encruzilhada,  
com a cadência monótona do jongo!  
Luar e Candombé, Joubert de Araújo Silva (1915/1993)  
Seleções Hermoclydes Siqueira Franco

Olho de vulcão  
parseio pela cidade  
meus abismos. Tranquilo, Paulo Colina

O medo que me acovarda  
a tesoura que me retalha  
e poda  
o pilão que me soca e  
mói e soca  
sentirão  
amanhã  
minha força  
reforçada  
pelo punho do meu filho.  
O Medo que Me Acovarda, Paulo Colina

Veç ou outra,  
quando te beijo  
com a garganta de terra  
clamando por tempestade,  
despencam pelas bordas estriadas

dos meu lábios  
sopros mortos de negros sangues  
sugados em torpores líquidos  
borbulhando finas lâminas  
e corpos rebeldes  
de eternos canaviais. Poema Eitlico, Paulo Colina

“Levar um negro ao tronco  
e cuspir-lhe na cara.  
Levar um negro ao tronco  
e fazê-lo comer bosta.  
Levar um negro ao tronco  
e sarrafiar-lhe a mulher.  
Levar um negro ao tronco  
e arrebentar-lhe os culhões.  
Levar um negro ao tronco  
e currá-lo no lixo.”  
Algumas Instruções de Como Levar um Negro ao Tronco, Adão Ventura

“Leva  
a lava leve de meu vulcão  
pra casa  
e coloca na boca do teu  
se dentro do peito  
afogado estiver de mágoa.

O fogo de outrora  
do centro da terra  
virá sem demora.

Porque não há  
por completo  
vulcão extinto no peito.”  
Oferenda, Cuti

Olho de vulcão  
parseio pela cidade  
meus abismos. Tranquilo, Paulo Colina

Nossas bocas costuradas,  
ponto a ponto,  
com o fio delgado e transparente  
da baba do engodo.  
Capuzes páldios de um medo compreendido,  
mas nunca explicado,  
desfilam cantando que o samba não tem cor.

E louvamos a liberdade  
em enredos,  
enquanto ao nosso lado  
as sombras tremeluzentes  
de todos os nossos avós  
lutam para avivar  
em nossa memória distraída  
a chaga da sempre diária Quarta-Feira  
de Cinzas.

Precisamos,  
sim,  
pendurar atrás da porta  
esta fantasia transada  
de paciência  
que escora com alegorias  
os nossos abrigos febris  
até fevereiro do próximo ano. Carnaval, Paulo Colina

“Somos pivetes,  
balconistas,  
assaltantes,  
e quantos mais  
que de Palmares  
nem ares  
que de Palmares  
só aís

helicópteros,  
errepês,  
patrulhas,  
volks-w,  
sobre favelas, baixadas,  
vilas e areais,  
metralhadoras,  
trinta e oitos  
pistolas e pontapés,  
socos e beliscões.  
Salve 20 de Novembro  
eu, de Palmares,  
nem os ares,  
eu, de Palmares,  
só os aís.”  
Balada del que nunca fué a Palmares, Lourdes Teodoro

## HAIJINS ARGENTINOS

Una vecina  
en delantal y escoba  
barre el otoño.  
Liria Miyakawa

Rio Lujan  
azulado de hortensias  
clap, clap de remos.  
Maria Haydee Aguilar Campos

Um rufar de rosas  
roça os rapazes no baile.  
Vestido de seda...  
Clície Pontes

Mesma algararra nas salas...  
Mesmo alvoroço no pátio...  
Dia do Mestre!  
Douglas Eden Brotto

## HAIJINS ARGENTINOS

Esquina antigua  
con un frío de tango  
suena un CD.  
Maria Haydee Aguilar Campos

Cierra el paraguas.  
Deja que los colores  
mojen tu cara.  
Neri L. Mendiara

## HAICAIS DE PRIMAVERA

Casa em construção  
buraco na parede  
ninho de pássaros.  
Carlos Roque Barbosa de Jesus

Natureza veste  
das fortes cores vernais,  
as flores... e mulheres!  
Maria de Jesus Baptista de Mello

Bandeira hasteada  
bandeira de crianças  
Dia do Professor!  
Cecy Tupinambá Ulhôa

À beira da estrada,  
numa tapera paupérrima,  
canta um canário.  
Maria Reginato Labruciano

Pequenas gaivotas  
deixam o ninho vazio.  
Já sabem voar.  
Djalda Winter Santos

A flor de laranja  
se com tempo não cair  
dará vários frutos.  
Mauro Macedo Coimbra

Tempestade insólita  
varre os ninhos da floresta,  
menos João-de-Barro.  
Fernando Lopes de Almeida Soares

Convite às abelhas  
todo coberto de flor  
o jacarandá.  
Miguel Jorge Malty

Flores e gorjeios...  
Mulheres passam alegres,  
roupas coloridas.  
Humberto Del Maestro

Flores brancas, brancas!...  
Laranjeira centenária  
brinda à vida.  
Olíria Alvarenga

Ninho de pássaro  
tanto afeto a gente vê  
nesse doce lar!  
João Batista Serra

No quintal dos fundos  
na copa da pequena árvore,  
flor de laranjeira.  
Sueli Teixeira

Dia do Professor:  
os pássaros que vão e vem,  
e alguém apontando...  
Leonardo Cezário dos Santos

Sob o jasmimero,  
aspiro o perfume no ar.  
Sinto a primavera.  
Therese Costa Val

Com brancas florinhas  
noiva desliza na igreja.  
Tradição de amor.  
Leonilda Hilgenberg Justus

Na noite escura  
noiva desliza: luzes e  
flores de laranjeira!  
Yara Shimada Brotto

Igreja enfeitada  
por flores de laranjeira.  
Será casamento?  
Djalda Winter Santos



Ao pé do viaduto,  
um calouro mal pintado  
com chapéu na mão.  
Hidekazu Masuda Goga

### Kigos para os três haicais a serem enviados

Até o dia 10.11.97:  
Araponga, Flor de Goiabeira, Pipa;

até o dia 10.12.98:  
Chuva de Primavera, Dia dos Finados, Semana do Livro.

Fazer um haicai é como tirar uma foto ou filme. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos). O haicai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo (termo de estação), com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

\* Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher três haicais conforme cada conjunto de kigos acima, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. – \* Envia-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do mesmo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, kigos diferentes do mês, isto é, pode-se repetir ou não quaisquer um deles nos três haicais.

2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10 % deles.

3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro e centralizado, o número e o texto de cada haicai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Depois da geada  
pedacinhos de cristais  
quebrados ao sol.  
Alba Christina Campos Netto

De repente branco,  
o jardim envelheceu...  
Geada nas flores.

Praça do subúrbio.  
No velho ipê desfolhado,  
brincos de ametista!  
Humberto Del Maestro

Geada caindo...  
Mendigo acende gravetos,  
espantando o frio.

Pelo céu de agosto  
ipês amarelos pintam  
ouro sobre azul.  
Alba Christina Campos Netto

Geada nos campos...  
Nas folhas da plantação  
não há pirilampus!...

Muita mexerica...  
E apenas duas maduras  
para três guriis.  
João Batista Serra

No pomar fechado,  
gurizada pula a cerca.  
Mexerica à vista!

Gotas de cristal,  
em noites de geada.  
Jóia efêmera.  
Nadyr Leme Ganzert

Geada inclemente!  
Nas pradarias e estradas,  
tapetes branquinhos.

Carregados galhos  
vergam da cerca vizinha.  
– Mexericas... grátis?!  
Darly Oliveira Barros

Com dedos de orvalho  
a geada esculpe flores  
no ramo sem vida.

Madrugada fria.  
A geada branqueou  
o meu carro preto.  
Maria Reginato Labruciano

Florada de ipê  
me traz lembranças de infância  
de antigos quintais.

Pepitas douradas  
no pomar de mexericas...  
Aroma a distância.  
Humberto Del Maestro

Lavrador não dorme...  
Além de pagar as dívidas,  
mais está geada!

